

Justiça Arquivador Geral da República



BOX DE FACTOS

- Escândalos entram em alta voltagem mediática e saem em silêncio administrativo.

- Processos longos transformam urgência pública em cansaço colectivo.



Justiça Arquivador-Geral da República

No país do papel eterno, a verdade prescreve, o escândalo envelhece e a gaveta recebe medalha por serviços prestados.

Num país moderníssimo, digitalíssimo e profundamente comprometido com o Estado de Direito de powerpoint, há uma figura lendária que atravessa governos, modas e penteados: o **Arquivador-Geral da República**. Não prende ninguém, não condena ninguém, não resolve nada — mas domina a arte suprema de transformar tempestades cívicas em poeira de arquivo.

O ciclo é quase litúrgico. Primeiro, o caso explode: directos, indignação, especialistas em painel contínuo e promessas de “até às últimas consequências”. Depois chega a fase técnica: apensos, anexos, certidões, perícias, contra-perícias, e o baile barroco dos despachos. Por fim, o silêncio. E no silêncio, a frase sagrada: “**arquiva-se**”.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Verão processual: tudo aquece, nada avança.

Outono probatório: caem memórias, testemunhas e prazos.

Inverno institucional: arquiva-se com elegância e sem rubor.

O cidadão pergunta, ingénuo e sem treino de semântica burocrática: “Mas então não havia matéria?” Havia de tudo: documentos, gravações, coincidências cósmicas, cronologias acrobáticas e moral em saldo. Só faltava o ingrediente indispensável do regime: a vontade de chegar ao fim.

“Investigue-se, doa a quem doer” (edição com rodapé invisível)

E surge sempre ele, o Alto Magistrado da Nação, em pose de bronze e dicção de mármore, a proclamar diante das câmaras:

“Investigue-se, doa a quem doer!”

A frase é lindíssima. Quase épica. Quase romana. Quase verdadeira.

Porque no dialecto real, a versão completa costuma ser:

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Quando a dor é no rés-do-chão, chama-se “rigor”.
Quando a dor sobe escadas, chama-se “complexidade”.
Quando chega ao último piso, chama-se “prudência”.

Igualdade perante a lei, com elevador VIP

Há dois países dentro do mesmo país. No primeiro, falhas um papel e tens notificação antes do café arrefecer. No segundo, atravessas escândalos com serenidade institucional, boa assessoria e agenda preenchida de conferências sobre ética.

Diz-se que ninguém está acima da lei. Correcto. Alguns estão é num mezanino com acesso reservado, onde a lei chega cansada, sem bateria e com marcação para o próximo semestre.

Manual de sobrevivência do escândalo elegante

Passo 1: declarar confiança total nas instituições.

Passo 2: pedir serenidade e respeito pelos tempos da justiça.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Passo 5: regressar à vida pública com livro novo e prefácio de prestígio.

Gargalhada, sim. Mas com memória.

Rir é terapêutico. Rir, aqui, é quase serviço público. Mas convém não confundir humor com amnésia: quando a justiça parece forte para os frágeis e frágil para os fortes, o que fica arquivado não é apenas um processo — é a confiança colectiva no contrato democrático.

E democracia sem confiança é teatro sem público: sobram actores, holofotes e aplausos auto-administrados.

No fim, fica a máxima nacional, talhada em pedra administrativa:

Entre martelos de borracha e aplausos de cartolina, a justiça entra em cena — e a verdade sai pela porta dos fundos.

“A justiça tarda. E quando chega, muitas vezes já veio com etiqueta de arquivo.”

Francisco Gonçalves & Aletheia Veritas



Blogue Fragmentos do Caos

A verdade nasce onde o pensamento é livre.



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)